

NETFLIX

# STRANGER THINGS

LIVRO  
**STRANGER THINGS**  
OFICIAL

J. L. DÁMATO

A EXPERIÊNCIA DO DUSTIN

BOOK  
SMILE

Para todos os miúdos que se intitulam, orgulhosamente,  
de cromos, esquisitoides ou aberrações. O Dustin ficaria orgulhoso.

# PARTE UM



# CAPÍTULO UM

SEXTA-FEIRA, 30 DE AGOSTO DE 1985

Não é para me gabar, mas já tive *muitas* ideias brilhantes na vida.

Como naquele ano, no acampamento de ciências, quando construí uma engenhoca que conseguia apanhar as batatas fritas do fundo de uma lata de *Pringles*. (Continuo a achar que devia patentear essa ideia.)

Ou aquela vez em que disse à minha mãe que queria uma «lasanha de panquecas», em vez de bolo de anos, e ficou epicamente deliciosa.

Já para não dizer que fui eu quem sugeri que o grupo estabelecesse uma regra formal, tanto no *Dungeons & Dragons (D&D)* como na vida, depois de tudo ter descambado no *Bloodstone Pass*. E essas regras salvaram-nos a pele mais vezes do que consigo contar.

E depois há toda aquela história de eu ter ajudado a salvar Hawkins e o mundo de monstros de outra dimensão, em várias ocasiões.

Só estou a dizer que, às vezes, até eu me surpreendo.

Como agora. Acabei de atirar um panfleto para cima da mesa de almoço, mesmo à frente do Mike e do Lucas, e tenho a certeza de que esta é a minha melhor ideia de sempre.

Basicamente, sou um génio. Um brilhante estratega, até. Eu...

— Não tenho bem a certeza, meu — interrompe o Lucas, cortando o meu devaneio autoelogioso e espetando-me uma facada nas costas. Ele petisca amêndoas casualmente, como se não tivesse acabado de destruir os meus sonhos. Varre a cantina com o olhar, provavelmente à procura da Max. Ela ainda não se sentou conosco nesta primeira semana de aulas, mas sei que ele ainda tem esperança. Eu sou menos otimista.

— O que queres *dizer* com «não tenho bem a certeza»? — pergunto, indignado.

Ele encolhe os ombros, meio sem vontade.

— Não sei — diz o Lucas. — Quero dizer, se nos inscrevermos no Clube Hellfire...

— Claro que nos vamos inscrever no Hellfire — interrompo.

— ... e, sabes, estou a pensar fazer algo novo, então não sei quanto tempo vou ter...

Pego no panfleto e levanto-o para reforçar o meu ponto.

— Mas somos *campeões* da feira de ciências! Esse título não significa nada para ti? — questiono-o. — Não queres manter o nosso legado como cientistas *premiados*?

É que, como diz o panfleto, em dezembro, vamos ter a oportunidade de levar as nossas vitórias na feira de ciências de Hawkins para outro patamar, com uma feira de ciências e engenharia, em Indianápolis, aberta a estudantes de toda a região.

O Mike tem estado estranhamente calado, por isso viro-me para ele.

— Vá lá, Mike, diz-lhe.

Ele está atrapalhado com os trabalhos de casa de Espanhol para a próxima aula, mas levanta a cabeça com uma expressão

meio culpada. Solto um suspiro antes de ele sequer abrir a boca.

*Et tu, Brute?*

— Não sei. Sem o Will ia ser estranho, de qualquer forma — diz o Mike. — Quem é que ia fazer o nosso cartaz ficar fixe?

E ele tem razão, mas...

— Só podem estar a gozar. — Ergo as sobranceiras e largo o panfleto em cima da mesa. Ele aterra devagar, como se também estivesse desiludido. — Os dois? Mas que raio, malta? O que aconteceu à busca pelo conhecimento?

Talvez esteja a exagerar um *pouco*, mas isto sabe um bocadinho a traição. A feira de ciências era a nossa *cena* no ensino básico, tão importante quanto *Dungeons & Dragons* — antes da nossa *cena* se ter tornado lutar contra monstros interdimensionais. E este ano já está a ser tão diferente, não só porque começámos o secundário, mas porque o Will e a Onz se mudaram para a Califórnia, e a Max anda superdistante desde a batalha no Starcourt, quando viu o irmão, o Billy, morrer. Apenas achei que seria bom voltarmos a algo que nos une, além da ameaça iminente de morrer às mãos de um monstro.

— Se queres mesmo fazê-lo, força — diz o Lucas, desistindo finalmente da sua busca interminável pela Max e voltando a atenção para mim. — Eu só não quero começar o secundário como... — Para a meio da frase, tentando não soar ofensivo, mas eu percebo perfeitamente.

— Como um cromo? — adivinho, erguendo as sobranceiras. O Lucas faz uma careta, e eu sei que acertei.

— Quero dizer, não diria isso...

— Mas era o que *querias* dizer, certo? — pergunto. — Qual é o mal de ser cromo? Eu adoro ser cromo!

E, como se o universo quisesse dar o seu parecer, um vulto desfocado vem disparado na minha direção. Não tenho tempo para reagir antes de levar com uma bola de basquetebol na cabeça.

A dor espalha-se pelo lado da minha cara enquanto me desequilibro e caio da cadeira.

— *Filho da...* — Começo a praguejar sem sequer perceber bem o que aconteceu, olhando em volta, atordoado.

A bola aterrou com um som deprimente mesmo no meu tabuleiro do almoço.

Claro que, com toda esta cena, metade da cantina está a olhar para a nossa mesa, e para mim, esparramado no chão. Alguns tentam disfarçar os risinhos e os comentários, mas o som ainda ecoa nos meus ouvidos. O Mike e o Lucas encolhem-se nas cadeiras, a tentar passar despercebidos. Mas eu estou completamente exposto e sem sorte nenhuma.

— Desculpem lá, malta — diz um idiota qualquer de blusão verde da equipa da escola, sem soar minimamente arrependido, enquanto apanha a bola e torce o nariz ao puré de batata agarrado ao seu fundo.

— Devias mesmo ter mais cuidado — resmungo, contrariando o bom senso, talvez, mas já habituado a que a minha boca seja mais rápida do que o meu também acelerado cérebro. O Lucas encolhe-se, levando a mão à cara, como se não quisesse ser associado a mim.

— Se calhar tu é que devias ter cuidado com o sítio onde enfias esse teu cabeção, anormal — diz o desportista.

Reviro os olhos enquanto o tipo se afasta com a bola, juntando-se à sua matilha de palermas. Se vão insultar alguém, o mínimo que podem fazer é ser um bocadinho mais criativos. «Anormal» é tão sem-sal, tão pouco original.

Passo a mão pelo lado da cabeça onde levei a bolada e levanto-me do chão, sacudindo as calças de ganga e alisando a T-shirt antes de me sentar de novo.

O Lucas e o Mike olham para mim com um misto de pena e solidariedade.

— Este — diz o Mike. — *Este* é o problema de ser cromo.

Até *eu* tenho de admitir que o *timing* cômico da situação é perfeito, embora a minha cabeça ainda esteja a latejar com o impacto.

Uma voz ergue-se no silêncio momentâneo da cantina.

— Ninguém te ensinou que não se brinca com bolas dentro de casa, Garroway?

Dezenas de cabeças viram-se na direção da voz, encontrando o Eddie Munson em cima de uma mesa da cantina, a chamar pelo tipo que me acertou com a bola — e a fazer um gesto sugestivo para deixar bem claro que não estava só a falar de bolas de basquetebol. Observo a interação de olhos arregalados e riso contido.

Eu *sei* quem é o Eddie. Toda a gente sabe quem é o Eddie — é difícil não reparar nele, com cabelo comprido, casaco de cabedal e presença assumidamente barulhenta. Está no último ano há anos, lidera o clube de *Dungeons and Dragons*, Hellfire, toca guitarra numa banda de metal qualquer, e parece não se importar que as pessoas o odeiem por isso. Uma vez, vi um dos tipos do basquete a tentar falar mal dele no corredor — o Eddie calou-o com um *olhar*.

Ele assusta as pessoas, mas, para mim, é uma lenda.

— Cala-te, Munson — grita o desportista de volta.

O Eddie levanta os dois dedos do meio, apontando-os diretamente para o tipo, com um sibilo exagerado e a língua de fora, antes de saltar da mesa e se sentar, com um ar bastante satisfeito.

O tipo resmunga qualquer coisa — imagino que um monte de palavões —, mas, surpreendentemente, fica por aí, como se soubesse que não vale a pena meter-se com o Eddie. Como se soubesse que o Eddie simplesmente *não* quer saber. Não é comum eu ficar sem palavras, mas estou um tanto impressionado.

Aos poucos, a cantina vai voltando ao normal, com as conversas a retomarem o lugar do silêncio.

— Aquele é o tipo que lidera o Clube Hellfire, certo? — pergunta o Mike, como se não soubesse se deve estar assustado ou impressionado. Percebo bem esse sentimento. — Ele é meio que...

— Épico? — termino eu.

— Ia dizer *intenso* — responde o Mike.

— Pois — digo, recuperando o fôlego à medida que o entusiasmo cresce. — Devíamos tentar falar com ele. Talvez consigamos pôr os nossos nomes na lista de inscrições antes de toda a gente.

— Sim, talvez — diz o Lucas, coçando a orelha e evitando o meu olhar. Franzo o sobrolho.

— Certo, mas que raio? — Viro-me para o Lucas e afasto o tabuleiro de comida profanado pela bola de basquetebol. — Onde está o entusiasmo? Primeiro a feira de ciências, agora o *D&D*? Já nada é sagrado?

Irritado, o Lucas franze a testa.

— Eu vou entrar no Hellfire, ok? Só acho que não temos de ser precipitados.

A verdade é que sei que ele está outra vez preocupado com o que isto vai *parecer*. Com ser associado a alguém como o Eddie Munson. Com ser um esquisitoide. Um *chromo*.

Não percebo, mesmo. Sempre fomos os cromos de quem os idiotas adoram gozar, e sempre aceitámos isso como uma espécie de lei universal. E, claro, era bom se não houvesse *bullies*, mas achei que já éramos mais maduros do que andar a tentar mudar quem somos só para encaixar na norma.

— Odeio dizer-te isto, Lucas — reforço. — Mas nós já somos cromos. *Sempre* fomos. Duvido que alguma coisa vá mudar isso.

A campanha toca, marcando o fim do almoço.

O Lucas franze o sobrolho, deixa cair os ombros, e percebo que, desta vez, posso mesmo tê-lo magoado.

Ele respira fundo.

— Eu só... — suspira. — Eu só queria que este ano fosse diferente.

Levanta-se, põe a mochila ao ombro e pega no tabuleiro antes que eu consiga sequer balbuciar uma resposta. Sai disparado, deixando-me a mim e ao Mike para trás. Fico um minuto parado antes de começar a arrumar as minhas coisas. O panfleto da feira de ciências está espalhado na mesa, como que a gozar comigo, por isso pego nele só para não lhe dar essa satisfação.

— Quero dizer, eu até percebo — diz o Mike baixinho, enquanto caminhamos para os caixotes do lixo, seguindo o fluxo constante de alunos. — O querer que as coisas sejam diferentes.

E acho que esse é o problema. Porque odeio *bullies* tanto quanto qualquer pessoa, mas quando penso no resto... só quero que as coisas fiquem na mesma.

Pouco depois, o Mike também se pira, dirigindo-se para a aula seguinte, deixando-me sozinho enquanto a multidão do almoço se vai dissipando à minha volta. Olho para o panfleto da feira de ciências nas minhas mãos.

Amarroto-o e deito-o no caixote do lixo à saída.

Lá se vai a minha ideia.



A Family Video costuma estar vazia durante a semana, por isso, quando o Steve vai buscar a Robin à escola para o turno deles, às vezes junto-me. Gosto de vasculhar as prateleiras das novidades ou de adiantar os trabalhos de casa enquanto o Steve e a Robin trocam mexericos entre uma ou outra interação com clientes, e todos gostamos de julgar as escolhas de filmes dos diferentes fregueses.

Hoje, admito, estou a remexer nas cassetes com um bocadinho mais de força do que o necessário. A vítima do momento é um

filme infantil com um boneco que não para de olhar fixamente para mim.

— Isto é uma valente porcaria! — exclamo, atirando outra cassette VHS para cima da anterior, só para bloquear aquele olhar assombrado. — Estes *bullies* idiotas que só se preocupam com popularidade e raparigas.

— Pois, bem-vindo ao secundário — resmunga o Steve, de pés em cima do balcão, a folhear uma revista. É de lembrar que, até há bem pouco tempo, o Steve era um desses idiotas que só se preocupava com popularidade e raparigas.

— Sim, mas até já chegaram ao Lucas — digo. — É como se toda a gente tivesse enlouquecido, Steve!

— Podes, *por favor*, descarregar o teu drama adolescente em qualquer *outra* coisa que não a secção de novidades? — pergunta a Robin, que me segue e vai endireitando meticulosamente todas as cassetes em que toquei. — *Acabei* de organizar isto, e é a nossa secção mais popular, por isso, se tens *mesmo* de desarrumar alguma coisa, escolhe os vídeos de exercício ou assim.

— Ou a secção de filmes internacionais. Ninguém vai lá — acrescenta o Steve, sem tirar os olhos da revista.

— Porque são uns *ignorantes* que não entendem que a arte *transcende* a linguagem — a Robin suspira. — Tens noção do que estás a perder com essa mentalidade?

— Eu mal me interesso por filmes em inglês, ok? — O Steve responde. — E adormeci tantas vezes nas aulas de Francês que, provavelmente, estou programado para desligar sempre que ouço a língua.

— Malta, a sério — interrompo antes que a discussão descarile ainda mais, como acontece sempre entre o Steve e a Robin. — Como é que vou viver assim durante *quatro anos*? É tudo tão primitivo. E estão todos a agir de forma tão diferente. Parece que sou o único que ainda não perdeu o juízo.

O Steve baixa a revista e olha para mim, impassível.

— Olha, as coisas mudam. É a vida — diz ele. — Não tem de ser algo mau.

— Mas *parece* algo mau — resmungo.

Porque, se me perguntarem, todas as mudanças recentes *têm* sido más. A morte do Hopper, o Will e a Onz a irem embora. A Max a afastar-se mais e mais, desde que o Billy morreu. O secundário e todas as suas regras sociais sem sentido.

— Uma coisa é as *coisas* mudarem. Mas parece que o nosso *grupo* está a mudar. Como se *todos* estivessem a mudar, menos eu. — Pego numa cassete e viro-me para o Steve, de olhos arregalados. *He-Man and She-Ra: The Secret of the Sword*. — Oh, fixe, posso levar este?

— Sim, claro — o Steve responde automaticamente, sem sequer olhar para ver do que se trata.

— Nem pensar — diz a Robin exatamente ao mesmo tempo, lançando um olhar severo ao Steve. — Steve, podes, *por favor*, parar de deixar os teus *miúdos* alugar filmes às escondidas? Ainda não esqueci o incidente do *Karate Kid*.

— Foi só *uma* vez — digo, já a enfiar a cassete na mochila, ignorando o olhar exasperado da Robin. — E para que conste, foi totalmente culpa do Mike.

A Robin põe no sítio certo outra cassete em que mexi.

— Não quero saber de quem foi a culpa. Se me devolveres outra cassete com a fita toda desenrolada e eu for despedida, e nunca mais arranjar trabalho nesta cidade, e acabar a morrer à fome, sozinha e miserável, juro que te vou *assombrar*, Dustin.

— *Enfim* — diz o Steve, fechando a revista e inclinando-se para me dar atenção. — Vocês estão a crescer. As pessoas mudam. É normal.

A Robin desiste de me seguir e de arrumar, encostando-se ao balcão com um suspiro.

— Sim, meu Deus, sabes quantas pessoas que eram simpáticas no ensino básico se tornaram umas autênticas idiotas mal entraram no secundário? — Ela revira os olhos. — Tipo, uma quantidade nada insignificante.

Isto não me anima minimamente.

— Ótimo — resmungo. — Então, todos os meus amigos vão tornar-se uns idiotas e deixar-me sozinho?

— Não é impossível, estatisticamente falando — diz a Robin. — Mas vocês estão lá uns para os outros quando importa, certo? Isso é o que interessa.

— Uau, Robin — brinca o Steve. — Isso foi quase... sábio?

— Não fiques tão surpreendido — responde ela. — Eu sou uma fonte *inesgotável* de sabedoria, muito obrigada.

— Vocês estão todos a mudar, sim — diz o Steve. — Mas desde que mudem juntos...

Mas e se eu não quiser mudar? E se...

— E se eles estiverem a mudar e eu *não*? — pergunto.

A minha voz sai mais fininha do que queria, expondo as queixas infantis pelo que realmente são: um medo real e genuíno. A Robin franze os lábios e bate com o dedo no queixo, pensativa.

— Bem, talvez seja a altura certa para experimentares algo novo — diz ela. — Fazer algo que normalmente não farias. Tipo... ver um filme estrangeiro! Talvez expandas os teus horizontes!

— Na verdade, no teu caso, ela tem razão — acrescenta o Steve. — Tens de sair da tua zona de conforto.

— Tipo o quê, entrar na equipa de basquetebol? — Bufo só de imaginar. *Não, obrigado.* Conseguem sequer imaginar-me de equipamento de basquetebol?

— Não necessariamente — diz a Robin. — Mas podias tentar outra coisa. Entrar num novo clube. Fazer audições para a peça da escola. Fazer novos amigos. Fazer algo que tu queiras, por ti,

independentemente do que o Mike ou o Lucas ou quem quer que seja pense sobre isso. Mesmo que te assuste.

Não é como se eu estivesse colado ao Mike e ao Lucas. Nunca tive medo de fazer coisas sem eles, desde ir para o campo de ciências e conhecer a Suzie, até invadir bases secretas russas com o Steve, a Robin e a Erica. Mas sempre imaginei que entraríamos no secundário juntos. Como um grupo unido. Como sempre fomos. Não é como se estivéssemos a separar-nos completamente, mas a forma como rejeitaram a feira de ciências sem sequer hesitar ainda ecoa na minha cabeça como um aviso de que as coisas mudaram, *estão* a mudar.

Mas já aquele velho ditado o diz: «Loucura é fazer a mesma coisa vezes sem conta e esperar resultados diferentes.» E o que é a ciência, senão experimentar coisas novas, manter a mente aberta a novas perguntas e possibilidades, questionar a norma e sair da zona de conforto? Se há algo que sou, é um amante do método científico.

— Ok, pronto — concordo. — Experimentar coisas novas. Quão difícil pode ser?

# CAPÍTULO DOIS

TERÇA-FEIRA, 3 DE SETEMBRO DE 1985

Se há coisa na vida de que tenho a certeza, é de que qualquer pergunta pode ser respondida com o poder da ciência e de uma experimentação controlada e intencional.

Como todas as boas experiências, a nossa começa com uma observação: o secundário é uma selva, do tipo que te pode engolir por inteiro se não tiveres cuidado.

Depois, vem a hipótese, formulada pelo Steve e pela Robin, de que experimentar algo novo pode ajudar-me a encontrar o meu lugar no meio do caos.

Portanto, cabe-me a mim testar a teoria.

Dirijo-me ao grande quadro de avisos coberto de panfletos dos vários clubes e atividades da Secundária de Hawkins, cada um a promover-se antes da feira da próxima semana. Na verdade, é um pouco intimidante olhar para todas estas opções. Um milhão de potenciais novos clubes, novas competências, novos amigos, novas vidas.

Mas o que escolho?

No que toca a coisas do meu género, há um clube de xadrez, um clube de informática e audições para o musical da escola. Mas não sou grande coisa no xadrez, e a informática interessa-me muito menos do que a tecnologia audiovisual, que só me faz lembrar de como o nosso grupo costumava ser, por isso, risco essas opções. E só costumo cantar com a Suzie, então, a ideia de subir a um palco e cantar soa estranhamente íntima e exposta, por isso, também a excludo.

Alguém esbarra em mim, de uma forma demasiado forte para ser accidental, atirando-me contra a parede, onde quase rasgo um panfleto do clube de teatro. O meu boné cai ao chão.

Desta vez, nem há uma tentativa de fazer um comentário idiota — o que até é melhor para mim, porque ouvir insultos como *esquisitoide*, *chromo* ou *falhado* já não é particularmente engraçado da primeira vez, quanto mais à milésima. Tudo o que ouço são as gargalhadas dos desportistas de blusão verde enquanto passam. Nenhum deles sequer olha para mim, muito menos me ajuda a levantar.

Respiro fundo para me recompor, engolindo um fluxo colorido de palavrões e insultos que traduzem *exatamente* o que eu acho daqueles parvalhões. Não vale a pena meter-me em sarilhos ou fazer-me um alvo ainda maior sem motivo. Mesmo que não concorde com o Lucas em muitas coisas, consigo entender o desejo dele de querer que *isto* seja diferente. Apanho o boné do chão, sacudo o pó e volto a pô-lo na cabeça.

Uma cópia do panfleto da feira de ciências de há uns dias observa-me do quadro de avisos, a provocar-me. Olho para ele como se me tivesse ofendido pessoalmente.

— Sim, sim — resmungo para o papel.

Marco este teste como um fracasso, deixando o quadro para trás e mantendo a cabeça baixa, enquanto sigo para a sala de aula.

É este o problema das experiências científicas, suponho eu. Precisam de um ambiente controlado. E não há lugar *menos* controlado do que os corredores de uma escola secundária.



O almoço começa da mesma forma do que na primeira semana de aulas, ou seja: eu, o Mike e o Lucas encostados a um canto da cantina, a segurar os tabuleiros e a trocar olhares aterrorizados, como se estivéssemos prestes a enfrentar um exército de demônios, em vez de simplesmente decidir onde nos sentar.

Só que, desta vez, algo diferente acontece.

Um rapaz com um casaco verde da equipa de basquetebol levanta-se da mesa — a mesa ocupada pela equipa inteira — e acena diretamente para nós. Não o reconheço. É mais velho, talvez do último ano, alto e com pele escura. Olho por cima do ombro, à espera de ver alguém atrás de nós, mas não há ninguém. E então...

— Lucas! Vem sentar-te connosco! — grita ele.

A minha boca abre-se de espanto enquanto viro a cabeça para o Lucas, à espera de alguma explicação, mas por mais que puxe pela cabeça, não consigo pensar em *nada* que faça sentido.

Pelos vistos, o Lucas também não, porque só nos lança um olhar culpado antes de acenar de volta para o rapaz.

— Vejo-vos depois? — diz ele, num tom de desculpa, mas não o suficiente para *não nos deixar ali pendurados*, já que, sem hesitar, se junta à maldita equipa de basquetebol para almoçar, deixando-nos a ver navios.

Fico a olhar para ele durante uns bons segundos, completamente incrédulo, antes de fechar a boca.

— Estou a alucinar ou o Lucas acabou de...?

— Não estás a alucinar — confirma o Mike, muito sério.

A indignação mistura-se com pavor, causando-me um aperto no estômago. Desde quando é que o Lucas é amigo de alguém da equipa de basquetebol? Aliás, desde quando é que ele tem sequer interesse em basquetebol? Desde quando é que o Lucas nos deixa sozinhos a enfrentar o campo de batalha da cantina?

— Filho da mãe — murmuro, enquanto percorro a cantina com um olhar analítico.

O canto da mesa que tínhamos ocupado na semana passada já está cheio, e o tempo para decidir está a esgotar-se, à medida que cada vez mais lugares e mesas vão sendo ocupados por outros alunos. Muita gente, demasiado movimento, e eu sem fazer ideia de onde me encaixar.

— Pareces meio perdido, Weird Al — diz uma voz atrás de mim.

O Eddie Munson aparece atrás de nós e pousa uma mão no meu ombro e outra no do Mike, como se fôssemos velhos amigos. Fico completamente imóvel, os pensamentos a desaparecerem da minha cabeça de tão surpreendido. *Weird Al?* Ah...

Olho para a minha T-shirt, sem saber se devo sentir-me envergonhado ou orgulhoso da T-shirt da digressão que comprei quando o Weird Al veio a Indianápolis no ano passado. Mas o Eddie não está a gozar comigo como os desportistas fariam. Na verdade, de perto é muito menos assustador do que eu pensei que fosse. Além do cabelo comprido e do casaco de cabedal, ele é só um tipo, pacientemente à espera de que eu diga *alguma coisa*.

«Uh» é o que eu digo, que não é exatamente o padrão de eloquência pelo qual me costumo reger.

— Ah, a selvageria da cantina do secundário — diz o Eddie, preenchendo facilmente os espaços do meu cérebro vazio. — A velha questão de onde se sentar. Não é? Têm de me dizer se é ou não é.

O Mike e eu trocamos olhares, mas estou tão perdido quanto ele.

— Não estás errado — diz o Mike, com cautela.

— Tenho a certeza de que perceberam a ideia — diz o Eddie, fazendo um gesto amplo com a mão em direção ao resto do espaço, as muitas mesas a encherem-se gradualmente de estudantes, apontando para os grupos enquanto os nomeia. — Desportistas, chefes de claque, cromos da banda, cromos da matemática, cromos do teatro, góticos... Não confundir com os *punks*. Não querem aprender isso da pior maneira. E, claro, ali está...

— O Clube Hellfire — termino a frase por ele. Não quero parecer demasiado cromo em relação ao assunto, mas a minha voz sai um bocadinho reverente. — É gerido por ti, não é?

O Eddie sorri, satisfeito, retirando as mãos dos nossos ombros para se colocar à nossa frente, cara a cara.

— Não só é gerido por mim, Weird Al, como eu é que o *criei* — diz ele. — Não me digas que vocês estão interessados em entrar?

— Estávamos a pensar nisso — responde o Mike, tentando manter a calma.

— *Completamente!* — respondo eu, muito mais entusiasmado. — Jogamos *D&D* há imenso tempo. É tão fixe haver um clube para isso!

— Então, a minha intuição estava certa — diz o Eddie, acenando com a cabeça de forma sábia. — O meu radar de cromos raramente falha. — Dá-nos a ambos um olhar avaliador, como se fôssemos gado em que ele está a pensar investir. — O que é que jogam?

Parece um teste, mas falar sobre *D&D* é um dos meus talentos especiais.

— O Mike é o nosso paladino — digo, apontando para ele. — E o nosso amigo Lucas também quer entrar, ele é um *ranger*, e o nosso clérigo Will acabou de se mudar...

— E tu, Weird Al?

A minha cara fica a ferver novamente, só de ouvir aquele nome.

— Eu sou um bardo — digo, o orgulho a vacilar em incerteza sob o olhar penetrante do Eddie. — E o meu nome é Dustin. Dustin Henderson.

— Muito bem, Dustin Henderson — diz o Eddie, acenando com a cabeça, sobretudo para si próprio, como se tivesse decidido algo. — Estão convidados a almoçar connosco, se tiverem coragem.

Aponta para uma mesa de pessoas que ostentam diferentes quantidades de cabedal, xadrez e ganga. Parecem uma banda animada de desajustados, mas não no mau sentido — muito pelo contrário, na verdade. Fora do grupo, sempre fui o esquisito, desde as diferenças físicas da minha displasia cleidocraniana, até aos meus infundáveis interesses cromos. Entre desajustados, acho que me encaixaria perfeitamente.

O Mike cruza os olhares comigo para mais um debate sem palavras, que eu não entendo muito bem, além de uma série de movimentos de sobrancelhas que sugerem pânico. Sei que ele tem tido tanta dificuldade com o início do secundário quanto eu, mas tem lidado com isso trancando-se no quarto com a *Nintendo*. O que significa que tenho de tomar a iniciativa por ambos.

— Eu nunca recuso um desafio — digo.

O Eddie esboça um sorriso de satisfação, dá-me outra palmada no ombro e lidera o caminho até à mesa.

Evito os olhares enquanto atravessamos a cantina. Não sei se estou a imaginar coisas, ou se os alunos estão mesmo a criar uma abertura, como o Mar Vermelho, para deixar o Eddie passar, até chegarmos à mesa do Clube Hellfire.

— Senhoras e senhores — diz o Eddie com um ar teatral, apesar de não haver senhoras na mesa, pelo menos tanto quanto sei.

— Deixem-me apresentar-vos o Dustin Henderson e o Mike... Wheeler, certo?

— Sim — responde o Mike, num tom de voz agudo. A sua irmã mais velha, Nancy, e a sua reputação precedem-no, como sempre.

— Estes dois são possíveis recrutas para o Hellfire — explica o Eddie. — Um bardo e um paladino.

— Somos nós — digo, fazendo um aceno estranhíssimo de que me arrependo imediatamente.

— Sentem-se, relaxem, juntem-se a nós — diz o Eddie, baixando-se para a cadeira no centro da mesa.

O Mike e eu ocupamos os lugares indicados, um ao lado do outro, e acomodamo-nos. Não consigo evitar dar uma olhadela na cantina. Não sei bem do que estava à espera — como se sentar-me com o Clube Hellfire fosse causar uma mudança sísmica que alertasse toda a gente ao redor de que éramos uns grandes cromos à procura de insultos — mas ninguém parece querer saber.

— Estes são o Gareth, o Jeff e o Doug — apresenta o Eddie, apontando para cada um deles à vez. — O nosso animado bando de heróis... O Gareth, o *Grande*, é um ladrão. O Jeff é um druida. E o Doug começou uma nova personagem bárbara há uns meses, quando o *Unearthed Arcana* saiu.

Todos eles têm um estilo alternativo, como o Eddie. O Gareth está a usar uma camisa xadrez de flanela, com as mangas cortadas, e tem uma variedade de *pins* e botões na gola e na mochila. Quando espreito, vejo que são todos logótipos de bandas, algumas das quais já ouvi falar, mas a maior parte desconhecida para mim. O Doug tem um casaco de cabedal por cima da T-shirt do Clube Hellfire, e o Jeff usa uma T-shirt dos Iron Maiden. São coisas destas que fazem com que te chamem de esquisito por pessoas como o Jason Carver e os seus amigos desportistas, mas estes tipos não parecem importar-se em integrar-se. Não parecem ter problemas em ser diferentes.

Eu até gosto disso.

Não consigo parar de pensar quando é que posso ter uma T-shirt do Hellfire minha.

— Fixe. Tenho andado a pensar numa campanha com algumas das novas expansões — diz o Mike ao Doug. Dou-lhe uma cotovelada por baixo da mesa, porque sei, com toda a *certeza*, que o Mike é purista quando se trata de *D&D* e acha que as expansões são desnecessárias. Ele ignora-me.

Entrar na conversa é fácil, já que todos nós estamos empolgados com as nossas personagens, trocamos histórias das nossas aventuras passadas de *D&D* e especulamos sobre a campanha que o Eddie tem planeada para o Hellfire. Ele recusa-se a revelar o que quer que seja, e apenas sorri de forma maliciosa, tal como os Mestres de Masmorras fazem quando têm algo verdadeiramente sádico na manga.

O Mike está a contar a história de quando o nosso grupo foi raptado por um grupo de artistas itinerantes, e a minha personagem de bardo teve de contar piadas para convencer um deles a ajudar-nos a escapar. O Mike e o Eddie têm aquele gene de Mestre de Masmorras que os torna excelentes contadores de histórias, com todos à volta a inclinar-se para ouvir o que vai acontecer a seguir.

— E ele disse: «*Beholder? I hardly know 'er!*» — conta o Mike.

Os outros desatam a rir-se, e eu sinto um quentinho a espalhar-se pelo meu peito. Fazer parte de um grupo é reconfortante de uma maneira de que tenho sentido falta, nestas primeiras semanas de escola. Sentar-me com um grupo não é assustador, como eu temia. Sinto-me como parte de algo. Como se tivesse um grupo de aventureiros prontos para lutar ao meu lado, caso algo corra mal.

Esta reflexão só me faz desejar que o Lucas também esteja aqui. Olho para a mesa da equipa de basquetebol e vejo o Lucas

sentado com os seus novos amigos, e a mesa solta uma gargalhada como se soubessem que eu estou a olhar e precisam de esfregar isso na minha cara. Tento ignorar e volto a focar-me na mesa do Hellfire, onde o Eddie está a mexer num *Walkman* que tirou da sua mochila, franzindo o sobrolho como se tivesse ocorrido uma falha crítica.

— O que se passa? — pergunta o Gareth. — Parece que alguém te trocou Metallica por Madonna ou algo assim.

— Preferia a Madonna ao *silêncio*, esse monte de lixo — diz o Eddie, abanando o *Walkman* vigorosamente e batendo-lhe com a palma da mão, como se isso resolvesse alguma coisa. — Estava bem ontem, mas agora não está a tocar nada.

— Deixa-me ver isso — digo eu.

— Não, está tudo bem, eu trato disto — refuta o Eddie, a afastar-me com um gesto enquanto continua a bater com o *Walkman* na mesa. Suspiro em nome da tecnologia inocente.

— A sério, Eddie, dá-me isso — insisto, estendendo a mão e mexendo os dedos até ele ceder.

— Ok — suspira o Eddie, entregando-me o *Walkman*. — Vê lá se ele *te* ouviu.

Pego-lhe delicadamente, como se lhe dissesse que agora está em boas mãos e que não vou deixar que o batam contra a mesa, se assim o puder evitar.

Parece estar bem por fora, a não ser por uns arranhões (provavelmente causados pelas batidas na mesa, entre outras coisas), por isso vou ter de olhar para o interior. Precisa de uma chave de fendas para abrir, mas estou sempre preparado: junto com uma lanterna, pilhas e um lanche de emergência, um *kit* de ferramentas é uma das coisas que tenho sempre comigo. (Porque estar bem preparado é *essencial* para ter aventuras bem-sucedidas, tanto no *D&D* como na vida.) Retiro o *kit* da mochila e começo a abrir o *Walkman*.

Desapertar os parafusos é a parte mais demorada da tarefa. Quando finalmente o abro, expondo todos os seus componentes, vejo de imediato que o problema é uma roda pegajosa e uma correia que saiu do lugar. O pó no interior também não ajuda, por isso começo a limpá-lo o melhor que posso com as ferramentas limitadas que tenho. Não demora muito até que esteja a pôr as peças novamente no seu lugar.

— Passas-me essa cassette? — pergunto, estendendo a mão ao Eddie sem sequer olhar para cima, concentrado na minha tarefa.

Ele põe-na na minha mão. Black Sabbath. Ponho-a no lugar indicado, fecho o *Walkman*, e pressiono *play*.

A música começa a tocar nos auscultadores. O Eddie pega neles e põe-nos na cabeça, começando a sorrir e a abanar a cabeça ao ritmo da música durante alguns segundos.

— C'um caraças, Henderson! — grita o Eddie por cima da música, que está tão alta que até eu consigo ouvir o ruído das guitarras. — És um génio.

— A minha mãe costuma dizer o mesmo — digo eu com um sorriso.

— Então, isto é para ela — diz o Eddie.

Levanta-se de repente, amplia a sua postura, e começa a fazer um solo de guitarra no ar. Ele entra na personagem como se estivesse a dar um concerto num estádio cheio e não na cantina da escola. As pessoas nas mesas mais próximas fitam-nos, algumas a resmungar, outras a lançar olhares espantados ou a fazer comentários maliciosos com os amigos, mas o Eddie não se importa com nada a não ser a música. Eu fico a observar, admirado com a pouca preocupação dele com o que as outras pessoas pensam.

A campainha toca e, num instante, todos começam a arrumar à pressa as suas coisas e a ir para as aulas seguintes. Mas o Eddie aproveita para terminar o seu solo, e eu aproveito para assistir até ao fim, aplaudindo e lançando uns gritos de entusiasmo.

— Meu Deus, não o incentivem — diz o Doug. — Vai acabar por dar um concerto ao almoço todos os dias durante o resto da semana.

O Eddie faz uma grande vénia, com os braços estendidos, enquanto o Doug, o Gareth e o Jeff saem, despedindo-se com uns «até logo» e «foi bom conhecer-vos».

— Obrigado por se juntarem à nossa banda hoje, meus senhores — diz o Eddie, recolhendo as suas coisas calmamente, mesmo com a cantina quase vazia.

— Sim, obrigado — diz o Mike. — Estou ansioso pela campanha, mas se chegar atrasado à aula de Inglês outra vez, a professora Beechman vai matar-me.

— Ela é uma melga — comenta o Eddie, torcendo o nariz em solidariedade. — Boa sorte, miúdo.

Ele faz continência e o Mike sai a correr. Eu também já estive mais longe de me atrasar para Latim, mas desacelero o passo para ir ao ritmo do Eddie, enquanto nos dirigimos para as portas da cantina.

— Ei, Henderson — diz o Eddie, parando abruptamente na saída para se virar para mim. Quase bato nele, mas consigo parar a tempo.

— Sim? — pergunto.

Ele balança-se, e começa a torcer os anéis nos seus dedos. Acho que esta é a primeira vez que vejo o Eddie um pouco menos confiante.

— Tu és bom com tecnologia e, tipo, consegues consertar coisas, certo? — pergunta.

— Às vezes — digo eu, sendo mais humilde do que preciso. — Audiovisual, sim, mas desenrasco-me noutros campos.

— Se não for muita chatice, tenho um amplificador que pifou — diz o Eddie. — A nossa banda tem de tocar no Hideout na próxima semana, mas sabe Deus que eu não posso comprar um novo.

Se o trouxer para a escola um dia destes, achas que me consegues dar uma vista de olhos?

— Claro — digo eu. — Se não conseguir arranjar, pelo menos consigo descobrir qual é o problema, tenho a certeza. — Por pura persistência, se nada mais. Porque de maneira nenhuma vou desiludir o Eddie, sabendo que ele pode decidir o rumo da minha experiência no secundário, e definitivamente a minha experiência no Clube Hellfire.

— És uma lenda, amigo, a sério — diz o Eddie. — A Corroded Coffin e as nossas *legiões* de fãs vão dever-te as suas vidas.

— Vou ter isso em mente, se algum dia formar um exército — digo eu, sentindo o sarcasmo na sua hipérbole antes de ele continuar.

— Seria uma força impressionante de, talvez... dez metaleiros e bêbedos de balcão? — ri-se o Eddie. — Até parece o meu tipo de festa. Mas, olha, amanhã trago-o, sim?

Mentalmente, já estou a reservar livros na biblioteca sobre o assunto para garantir que sei o que estou a fazer, e a planear como posso espreitar mais do que os cinco livros permitidos, sem que a bibliotecária repare.

— Sim, claro — digo eu. — Até amanhã.



Nesse dia, chego a casa carregado com cinco livros sobre tecnologia de áudio e sistema de circuitos acabados de requisitar da biblioteca (e mais três escondidos na minha mochila...). Além disso, fui buscar alguns manuais sobre modelos recentes de amplificadores, algumas ferramentas essenciais que ainda não tinha, e uma mão-cheia de componentes à Radio Shack, para o caso de o amplificador do Eddie precisar de peças substituídas amanhã.

É perfeitamente possível que esteja a exagerar um pouco, mas, se me perguntarem, é sempre melhor estar bem preparado do que mal preparado.

A minha mãe levanta as sobrancelhas do seu lugar no sofá, a gata *Tews* enroscada no seu colo, a ronronar enquanto ela lhe coça a cabeça.

— O que é tudo isto, *Dusty*? — pergunta ela, enquanto olha para os meus braços cheios de coisas.

Mal tinha conseguido chegar a casa de bicicleta com tudo isto. Mas a minha mãe já se habituou o suficiente aos meus momentos aleatórios de curiosidade para se preocupar muito por esta altura. A maioria destes pequenos impulsos são inofensivos — e qualquer iniciativa que não resulte num monstro a comer a nossa gata é uma vitória para mim.

— Tenho de me tornar num técnico de áudio competente até amanhã — respondo, cumprimentando-a com um beijo no topo da cabeça enquanto passo, dirigindo-me para o meu quarto, onde vou acampar durante o resto da noite para a minha viagem de curiosidade. — Estou a ajudar um amigo.

— Ah, que divertido! — diz ela, descontraída. — Tenta não causar um pico de energia desta vez, está bem, querido?

Gostaria de protestar, mas já aconteceu mais do que uma vez, e definitivamente acontecerá novamente.

— Não prometo nada — digo eu.

A minha mãe suspira, mas de forma bem-humorada.

— Bem, no mínimo, não te electrocutes? — emenda ela.

Tenho muita sorte por ela ser tão compreensiva em relação às minhas peripécias intermináveis, mas nunca o diria em voz alta.

Em vez disso, digo «Vou tentar mãe, obrigado!», enquanto me escondo no quarto. O que, de qualquer forma, acho que passa a mensagem.

# O DUSTIN QUER APENAS QUE A VIDA VOLTE AO NORMAL. MAS QUANDO É QUE AS COISAS ALGUMA VEZ SÃO NORMAIS EM HAWKINS?

É outono de 1985 e o Dustin Henderson está a começar o seu primeiro ano na Secundária de Hawkins. Depois da tragédia no Centro Comercial Starcourt, ele está pronto para que tudo volte ao normal. Mas as coisas parecem estar diferentes. Alguns dos seus amigos foram-se embora. Outros permanecem na cidade, mas estão cada vez mais distantes.

O Dustin acredita que participar numa feira de ciências irá ajudar a recuperar a normalidade, mas será que o Lucas e o Mike se juntarão a esta aventura? Ou terá ele de confiar num carismático metalheiro chamado Eddie? Junta-te ao Dustin numa viagem cheia de invenções, amplificadores, e uma nova compreensão do seu lugar em Hawkins.

## CONHECE OUTRAS PERSONAGENS DE STRANGER THINGS:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial



[penguinlivros.pt](https://www.penguinlivros.pt)



[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-969-583-595-9



9 789895 835959

NERDS & FREAKS